

filho do Odílio Denys é atualmente o Diretor-Geral da Santa Casa de Misericórdia, homem da maior respeitabilidade; Santa Casa que esteve nos jornais, ontem e anteontem, no Rio de Janeiro. Vou terminar essa história que é interessante, historicamente interessante.

Marcaram a posse para o dia seguinte. De noite, o Denys, que era vizinho do General Lott no Maracanã, já tinha começado a convocar todas as tropas e esquadrões, o Exército, o Brasil inteiro, e, no dia seguinte, pela madrugada, o grupo que estava no poder, tendo Carlos Luz à frente. Nada de pessoal contra. Nada de pessoal contra. Ele e o Ministério dele embarcaram no Cruzador Tamandaré, que já estava ancorado, aguardando os acontecimentos, comandado pelo Almirante Sylvio Heck; lá também se encontrava o Chefe da Esquadra Armada, o Almirante Pena Boto.

O SR. PRESIDENTE (Mão Santa. PMDB – PI) – Ele serviu na minha cidade de Parnaíba como Capitão dos Portos. E fez curso de balística em Paris.

O SR. PAULO DUQUE (PMDB – RJ) – De qualquer maneira, a Marinha sempre competente.

Enfim, todo o grupo que queria dar o golpe embarcou no navio e foram para São Paulo, esperando a adesão de Jânio Quadros, que era Governador daquele Estado. Mas o Jânio queria saber disso? Queria, sim, terminar o seu governo e ser candidato à Presidente da República. Mas, na saída do Tamandaré – aí está o grande ato; e, por isso, sou fã incondicional desse navio –, que tinha um poderio de fogo enorme – 18 canhões de 130 milímetros, não sei quantas metralhadoras –, os fortes da Baía da Guanabara começaram a alvejar, tentar atingir o Tamandaré, que singrava impávido pela Baía. Bastava que o Tamandaré desviasse um pouco um daqueles canhões poderosos – talvez uns 20 ou 30 graus – para destruir o Forte de Copacabana, que era o mais hostil. Mas a Marinha não desviou, não apontou nenhum dos canhões, depois de baleado por 12 vezes. Uma bala daquela poderia ter explodido tudo, mas não o fez. Ele continuou impávido, impávido, impávido, saindo pela Baía da Guanabara, saindo pela Barra afora e indo para São Paulo. O Brigadeiro Eduardo Gomes já se encontrava lá com os seus aviões. Mas o Tamandaré teve que voltar porque não havia condições de combate. Voltaram. Aí é que entra o valor da classe política. Ancoraram o navio Tamandaré. Um Deputado Federal chamado Ovídio de Abreu, de Minas Gerais, dirigiu-se ao Tamandaré com carta-branca para negociar o desembarque dos que estavam abrigados ali – sem pena de prisão na hora, sem nada. E o acordo para que o Presidente deposto, Deputado Carlos Luz,

que não tinha perdido o mandato, ainda era Deputado, viesse à Câmara dos Deputados, ao Palácio Tiradentes, e fizesse um discurso de despedida da classe política e do povo brasileiro. A classe política sábia conseguiu fazer isso. Depois dos canhões, depois das fortalezas, depois das viagens, depois das fugas, depois das deposições, estava lá, no Palácio Laranjeira. Quer dizer, o povo brasileiro é isto: não importa que tenham dois, três ou quatro Senadores, porque cada cadeira dessas representa Estados.

O SR. PRESIDENTE (Mão Santa. PMDB – PI) – E nessa dificuldade assumiu o Presidente do Senado, Senador Nereu Ramos, que, em 60 dias, garantiu a posse de Juscelino Kubitschek.

O SR. PAULO DUQUE (PMDB – RJ) – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Mão Santa. PMDB – PI) – Tão séria era a posição que o Benedito Valadares foi ao Juscelino e pediu que desistisse. Saiu dizendo que Juscelino queria se fazer de Tiradentes com o pescoço alheio. Mas Juscelino enfrentou e fez esta beleza toda.

O SR. PAULO DUQUE (PMDB – RJ) – E se estamos aqui, hoje, é graças também ao Tamandaré, graças àquelas antigas gerações, que garantiram a posse de Juscelino. Por isso é que eu acho que cada momento atual tem muito a ver com o passado. Estou sempre falando no passado, que nos traz muitas lições no presente.

Lamento cansar, talvez, os Senadores com esta minha longa exposição – é a primeira longa exposição que faço nesta Casa –, mas é que não acredito que estejamos em crise nenhuma; não vejo nenhum tipo de crise no Senado hoje. E porque repudio essa idéia, penso que podemos traçar rumos impávidos, tal como fez o Tamandaré.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Mão Santa. PMDB – PI) – Agradecemos este pronunciamento de grande valor na História do Brasil.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. nº 1.411/07/SGM-P

Brasília, 15 de agosto de 2007

Assunto: Envio de PEC para promulgação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, para os fins constantes do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, a Proposta de Emenda à Constituição nº 272, de 2000, que “Dá nova redação à alínea c do inciso I do art. 12